

**PRIMAVERA ÁRABE: A INTERNET COMO FERRAMENTA DA DEMOCRACIA**

*ARAB SPRING: INTERNET AS A DEMOCRACY TOOL*

Ana Beatriz Oliveira Suarez<sup>1</sup>

Neemias Sales Silva Miguel<sup>2</sup>

Noemi Sales Silva Miguel<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Estudante de graduação em História

<sup>2</sup>Estudante de graduação em Direito

<sup>3</sup>Estudante de graduação em Letras (Português-Espanhol)

**RESUMO:** O presente artigo busca explicitar como se deu o movimento Primavera Árabe em três países do Oriente Médio e norte do continente africano. Embasado nesta onda de protestos cibernéticos, o estudo objetiva mostrar quais foram os efeitos positivos e negativos da *E-Democracy* dentro de sociedades completamente ditatoriais. Com isto, foram através de dados que possibilitaram averiguar quais foram os desfechos pela busca de liberdade nestes países. Assim levantaram-se as grandes questões: pode a internet ser um meio efetivo para protestos democráticos? Ou ainda, até que ponto a internet pode gerar avanços e retrocessos em sociedades que buscam por democracia, mas se encontram sob regimes ditatoriais? Cabe-se dizer que este estudo possui um caráter comparativo do efeito da *E-Democracy* em países caracteristicamente diferentes. Portanto, será estudado aqui o uso da internet e de suas redes sociais tanto de forma a buscar a democracia como de forma a buscar a repressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** E-democracy; Primavera Árabe; Governo Ditatorial; Globalização.

**RESUMEN:** El presente artículo busca hacer explícito como se dio el movimiento Primavera Árabe en tres países del Oriente Medio y norte del continente africano. Basándose en esta ola de protestas cibernéticas, el estudio objetiva mostrar cuales fueron los efectos positivos y negativos de la *E-Democracy* en las sociedades completamente dictatoriales. Con esto, fueron a través de datos que posibilitaron averiguar cuáles fueron los resultados por la búsqueda de libertad en estos países. Así se levantaron grandes cuestiones: ¿puede el internet ser un medio efectivo para protestas democráticas? O aun, ¿hasta qué punto el internet puede generar avances y retrocesos en sociedades que buscan por democracia, pero se encuentran en regimenes dictatoriales? Es indispensable decir que este estudio es de carácter comparativo del efecto de la *E-Democracy* en países con características distintas. Por lo tanto, será estudiado aquí el uso del internet y de sus redes sociales pensando en la democracia como también en la censura.

**PALABRAS-CLAVES:** E-democracy; Primavera Árabe, Gobierno Dictatorial; Globalización.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário escolar<sup>4</sup> no que tange ao vocábulo primavera: é a estação do ano posterior ao inverno; que está na juventude, na mocidade. Portanto primavera significa simbolizar algo de início que gerou um novo começo ou um novo ciclo dentro de um determinado contexto. Nesta realidade pode-se afirmar a analogia semântica da palavra primavera comparada ao evento “Primavera Árabe” revelando assim a existência de um acoplamento entre ambos os sentidos. É perceptível o sentido de um novo começo, seja por troca de estação ou pela revolução que modificou a estrutura de alguns países.

A Primavera Árabe foi o nome dado às ondas de protestos, revoltas e revoluções populares que ocorreram no Oriente Médio e no norte do continente africano, com seu marco em dezembro de 2010 na Tunísia. O ocorrido se expandiu para outros países da região como efeito dominó acarretando assim uma onda de protestos. Estes marcados pela falta de democracia como também a não transparência dos governos ditadores e tiranos. O grande índice corrupção nestes países levou às ruas centenas de milhares de pessoas a fim começar uma onda de mudanças e protesto contra os governos.

A internet e as redes sociais foram um dos canais mais importantes para a divulgação e ampliação dos protestos na Tunísia, Líbia, Egito, Argélia, Síria, Bahrein, Marrocos, Iêmen, Jordânia e Omã. Foi por meio do Facebook, Twitter e outras redes sociais que houve o tardio sentimento democrático por parte da população a exemplo do Egito que iniciou seus protestos em 2011 provocando assim o anúncio do ditador *Hosni Mubarak* de não concorrer às novas eleições, possibilitando no mesmo ano um novo sufrágio para presidente do país.

Na Tunísia, ponto de partida da série de revoltas, o número de usuários cadastrados no Facebook aumentou consideravelmente em um período de apenas dois meses: 200 mil novos cadastrados entre novembro de 2010 e janeiro de 2011 (BORGES, 2012).

Para fim de pesquisa serão aqui analisados os casos de Tunísia, Egito e Síria dos quais os reflexos da Primavera Árabe obtiveram resultados distintos e de qual

---

<sup>4</sup> Língua portuguesa: minidicionário / Aline Carrijo de Oliveira. – 1. Ed – Blumenau: Vale das letras, 2011. Página 4p.403

forma a *E-Democracy* foi uma ferramenta funcional para o exercício do sentimento democrático nestes países.

## **2 E- DEMOCRACY – UM NOVO OLHAR PARA A DEMOCRACIA**

A internet tem como uma de suas características a rápida troca de dados e informações por um baixo custo e um longo raio de alcance quando comparada aos meios tradicionais (carta, televisão, rádio, jornal, etc.). Este meio de comunicação vem passando por diversas transformações e assim iniciam novos meios para o exercício, não só da prestação de informação e notícias como também de novas formas do exercício e da manifestação de democracia e participação popular na política.

Esta ferramenta se mostrou tão importante que nas últimas décadas se desenvolveu um novo conceito de participação popular: a chamada democracia digital e seus diversos nomes (democracia eletrônica, e-democracy, democracia virtual, ciberdemocracia, dentre outras). Desta forma cada indivíduo pode alcançar maior inserção nos assuntos que são debatidos e tem grande relevância para a sociedade.

“Essa tecnologia traz à experiência da internet e de dispositivos que lhe são compatíveis, todos eles voltados para o incremento das potencialidades de participação civil na condução dos negócios públicos<sup>5</sup>” (GOMES, 20015).

Para o êxito deste processo democrático são necessários alguns pontos de grande relevância para a sua existência, sabendo que, sem eles a democracia digital não terá o seu pleno desenvolvimento e aplicação na busca de novas ferramentas para a inclusão da participação popular e do exercício da democracia no qual:

É preciso levar em consideração que, para fortalecer a democracia, são necessárias não apenas estruturas comunicacionais eficientes, ou instituições propícias à participação, mas também devem estar presentes a motivação correta, o interesse e a disponibilidade dos próprios cidadãos para se engajar em debates (MAIA, 2001, p. 2).

### **2.1. O USO DAS REDES SOCIAIS NA PRIMAVERA ÁRABE**

Por muitos anos a Tunísia, Egito e outros países do norte da África e do mundo árabe foram controlados por governos ditatoriais que detinham o controle, não só das forças militares, como também o controle da mídia que noticiava informações

---

<sup>5</sup> GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. Revista Fronteiras – estudos, página 5.

de acordo com interesses próprios. Portanto, neste contexto, qualquer ato de revolta era silenciado ou aniquilado pelo controle estatal. Esta foi a forma mais rápida de repressão e violência, não permitindo que os meios de comunicação tradicionais divulgassem as informações dos fatos ocorridos.

Borges afirma que na Tunísia, ponto de partida da série de revoltas, o número de usuários cadastrados no Facebook aumentou consideravelmente em um período de apenas dois meses: 200 mil novos cadastrados entre novembro de 2010 e janeiro de 2011<sup>6</sup>. Este crescimento de novos cadastros nas redes sociais ocupou um significado ideológico, o governo não controlava as informações e elas eram passadas de forma quase simultânea e limpa, sem interferência ou controle estatal. Logo, qualquer pessoa conectada à internet possuía acesso aos fatos relacionados aos movimentos que aconteciam no mundo árabe e no norte da África de forma rápida por meio de fontes mais confiáveis que os meios de comunicação estatais.

O descontentamento de grande parte da população frente à submissão ao regime autoritário desses países já era grande, mas as manifestações públicas intensificaram-se a partir da difusão de informações através de mensagens entre aparelhos móveis e de redes sociais, tais como facebook, twitter e blog, conduzidos por cidadãos comuns (VIERA, 2013, p. 3).

As novas mídias digitais exerceram um papel central nesses movimentos sociais contemporâneos, circulando a informação, abrindo espaços para críticas sociais e facilitando novas formas de mobilização social<sup>7</sup> (TUFTE, 2013). Estas mídias digitais tem o papel de reunir e/ou aproximar os grupos de massas e pessoas descentralizadas dentro de um ambiente social e político que pela distância ou pela falta de informação.

(rapidez na comunicação dos fatos) suas reivindicações não se tornam uma voz forte para a mudança. Visto que para uma mudança os seus objetivos e suas vozes precisam está comumente dentro de um mesmo ideal (a busca pela democracia e a mudança no governo) a ser conquistado.

---

<sup>6</sup> BORGES, Thassio. Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe. Opera Mundi, 2012, p. 6.

<sup>7</sup> TUFTE, Thomas. O renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’. Intercom – RBCC, 2013, p. 63.

Esta mudança foi percebida de forma rápida na Tunísia e no Egito que obtiveram seus ditadores desligados do poder (pela deposição popular e pela renúncia do poder respectivamente) de forma rápida, de modo que as intensas ondas de protestos ocorreram em um curto intervalo de tempo. Nas redes sociais o Twitter e o Facebook não foram o fator principal para esta mudança, porém ajudaram a divulgar e mobilizar os movimentos contra os governos, incitando quedas e renúncias.

No dia 14 de janeiro, data em que Ben Ali renunciou e fugiu para a Arábia Saudita, a rede de microblogs teve seu pico de acessos por tunisianos (BORGES, *ibid*, 2012). Segundo Rodolfo Alves Pena: A Revolução do Egito foi também denominada por **Dias de Fúria**, **Revolução de Lótus** e **Revolução do Nilo**. Ela foi marcada pela luta da população contra a longa ditadura de Hosni Mubarak. Os protestos se iniciaram em 25 de Janeiro de 2011 e se encerraram em 11 de Fevereiro do mesmo ano. Após a onda de protestos, Mubarak anunciou que não iria se candidatar novamente a novas eleições e dissolveu todas as frentes de estruturação do poder.

### 3 GOVERNOS DITATORIAS – CONTROLE E REPRESSÃO SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÕES

“Estudiosos discordam sobre praticamente tudo quando o tema é globalização, mas são unânimes em reconhecer que a revolução nos meios de comunicação e a velocidade no fluxo de informações que vivemos hoje foram poderosas ferramentas no que se define como “crescente internacionalização dos interesses nacionais”<sup>8</sup>.

A globalização é o nome dado ao processo de aproximação entre as sociedades por meio de diversos âmbitos (político, cultural, social, econômico, etc.), esta aproximação é realizada muitas das vezes pelo principal meio de comunicação atual, a internet, que consegue fazer a transferência de dados e conectar mais pontos distintos do planeta em um intervalo de tempo muito curto e com uma intensa troca de informações mútuas (seja no mercado financeiro, no mundo político ou mesmo por uma simples troca de mensagem entre pessoas distantes).

Estas aproximações de informações e de culturas colocam em dúvida uma questão: qual é o limite que um Estado deve ter para garantir a sua soberania? Na Primavera Árabe essa aproximação de compartilhamentos de dados sofreu repressão por parte dos governos, quando estes resolveram censurar ou simplesmente derrubar a internet nos limites de seus territórios.

Por conta do crescente uso das redes sociais pelos árabes nos países em revolução, muitos governos intensificaram o bloqueio e as restrições às ferramentas para que

8

<https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/espionagem-cibernetica/contexto-a-guerra-nao-declarada/globalizacao-enfraquece-soberania-nacional-e-leva-a-debate-sobre-regulacao-da-internet>

evitar que as revoltas se fortaleçam (...) Na Síria, por exemplo, onde o presidente Bashar al Assad sofre grande pressão para renunciar, o governo proíbe o uso das redes sociais e a entrada de jornalistas internacionais (BORGES, ibid, 2012).

A limitação dos direitos dos cidadãos em protestar e buscar os seus direitos só demonstrou que os governos ditatoriais estão focados, não somente em reprimir as manifestações da população, como também calar e cegar os acontecimentos que ocorrem no interior de suas fronteiras para que o mundo não se conscientize e conduze sua atenção para o interior do seu governo. A estratégia abordada por alguns ditadores não conseguiu silenciar ou por fim com as manifestações, visto que os manifestantes se organizaram para conseguir promover a luta pela liberdade democrática no país.

Vídeos de Youtube, e textos do Twitter e Facebook representaram uma forte resistência aos governos destes países. Em uma revolução que não tem previsão para terminar, conectar os manifestantes parece essencial (BORGES, 2012). Na Síria, a luta contra o governo do ditador *Bashar al-Assad* continua até os dias atuais e já ocorreram centenas de milhares de mortes e ao menos 6,1 milhões de pessoas tiveram que deixar as suas casas<sup>9</sup>

Contudo não se pode acreditar que estes ocorridos seriam possíveis apenas pela movimentação popular. A mudança e a fermentação que ocasionou a censura em determinados países ganharam um grande destaque por meio de profissionais que reuniam as informações, organizavam e compartilhavam com seus seguidores nas suas redes sociais. Segundo Andréia Martins<sup>10</sup>, isso que ficou conhecido com ciberativismo (Ativismo digital), que se caracteriza na utilização da internet por grupos politicamente motivados, que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário, com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos, dentro e fora da rede. Assim, foi provado no Egito quando a jornalista egípcia Mona Eltahawy, além de sofrer censura por parte do governo foi perseguida e vítima de violência física e sexual por órgãos do governo egípcio que tentaram calá-la à força.

“Em seu perfil no Twitter, Mona passou a narrar o que acontecia no Egito. A jornalista participou ativamente dos confrontos entre manifestantes e forças nacionais na Praça Tahrir. A atividade de Mona não cessou, no entanto, com o passar dos meses. No dia 24 de

<sup>9</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49133415>

<sup>10</sup> Jornalista e produtora de conteúdo digital do UOL

novembro, também por meio de sua conta na rede de microblogs, a jornalista denunciou que havia sofrido espancamento e abusos sexuais por parte da polícia. Mona foi detida na própria Praça Tahrir e levada ao Ministério do Interior, onde ficou detida por 12 horas. Nesse tempo, a jornalista teve seu braço esquerdo e sua mão direita quebrados.” (BORGES, ibid, 2012)

#### **4 RESULTADOS DA SITUAÇÃO POLÍTICA PÓS-INÍCIO DA PRIMAVERA ÁRABE**

Analisando os fatos a partir de 2011 é possível verificar como foi o andamento do processo político em três países do Oriente Médio: Tunísia, Egito e Síria. Após esta análise será viável verificar quais foram as mudanças ocorridas nestes países e como eles se encontram atualmente depois do processo e da experiência com a e-democracy.

##### **4.1 Tunísia**

Após a onda devastadora de protestos e movimentos populares que ocorreram na Tunísia em 2011, o país viveu uma mudança radical no comando de seu governo e na organização da estrutura política que ficou no poder durante 23 anos. De acordo com Juan Carlos Sanz, sete anos depois da eclosão de uma onda revolucionária no mundo árabe, apenas a Tunísia consolidou seu processo democrático no norte da África e Oriente Médio. O modo no qual o povo se organizou para fazer as devidas mudanças no governo foi rápido e trouxe uma frente democrática para o país.

A Tunísia é vista pela comunidade internacional como o único caso de sucesso entre as revoltas árabes. As tensões entre forças islâmicas e laicas em 2013 não desembocaram em uma confrontação armada graças ao papel de mediação da sociedade civil, que em 2015 obteve o Nobel da Paz por isso. As eleições do ano seguinte resultaram num Governo de grande coalizão entre antigos adversários, o que serviu para apaziguar os ânimos (Sanz, 2017).

A Tunísia, berço da revolução no Oriente Médio, dentre todos os países, foi a única nação que conseguiu o desfecho e o acesso mais seguro para as vias democráticas. A internet e os movimentos que começaram por ela acarretaram um grande resultado para o desenvolvimento tardio da democracia e o seu exercício no país. O acesso a este desfecho democrático talvez fosse encontrado de outras maneiras, embora o tempo fosse bem diferente do fato real. No entanto é inegável não ressaltar o papel das redes sociais e dos meios de comunicação modernos (internet) para provar que a *e-democracy* teve um papel de forte relevância no contexto político da Tunísia.

## 4.2 Egito

Seguindo a onda dos ocorridos na Tunísia, o Egito passou por um período bem parecido ao país primário (Tunísia) pela luta de mudanças. O Egito viu seu contexto político e social modificado de forma rápida em relação aos outros países que ainda estão em conflitos devido a onda de protestos iniciados em 2011. O Exército provocou uma reviravolta no panorama político com um golpe de Estado em 2013 e desde então a evolução dos dois países norte-africanos trilhou caminhos diametralmente opostos.

Os observadores independentes coincidem em descrever o regime liderado pelo marechal *Abdel Fattah Al-Sisi* como mais brutal e autoritário que o de Mubarak. Não por acaso, calcula-se que nos últimos quatro anos até 60.000 pessoas foram presas por razões políticas ou por fazer uso de suas liberdades individuais, sendo a tortura a moeda corrente nos calabouços. No Egito atual, praticamente não há espaço para qualquer tipo de dissidência<sup>11</sup>.

As mudanças esperadas pela população não aconteceram e se tornaram pior que o esperado pelos cidadãos egípcios. É válido ressaltar que não é sempre que a busca pela democracia e a tentativa de exercê-la é funcional. Como foi provado, o país se tornou mais violento e palco para novos conflitos em consequência e reação ao movimento da Primavera Árabe.

Por causa do aumento do terrorismo e da instabilidade política, os investimentos estrangeiros e o desembarque de turistas desabaram, o que levou a Governo a tomar uma medida drástica: a flutuação da libra egípcia com relação ao dólar. Em questão de dias, a moeda do país perdeu metade de seu valor, fazendo a inflação disparar para cerca de 30% e empobrecendo a aflita classe média. Assim, poucos agora comemoram o aniversário daquele 25 de janeiro em que tudo começou a mudar (Sanz, *ibid*, 2017).

## 4.3 Síria

Em oclusão à análise, a Síria foi o país que sem sombra de dúvidas sofreu da pior maneira os reflexos do movimento pela busca de mudanças políticas e sociais. Entretanto, não só o movimento está por detrás deste resultado, outros fatores foram

---

<sup>11</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\\_043457.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html)

desencadeados (políticos e econômicos) e transformaram a Síria num ambiente de guerra até o momento atual.

O balanço da guerra é desolador. Mais de 340.000 pessoas perderam a vida, sendo um terço delas civis. Metade da população abandonou seus lares por causa dos combates: cinco milhões se refugiaram nos países vizinhos, e outros 6,5 milhões foram deslocados internamente. A fatura econômica da reconstrução se aproxima dos 800 bilhões de reais, ao mesmo tempo em que as duas principais fontes de renda do país – petróleo e agricultura – desabaram. A guerra destruiu quase metade dos centros médicos e escolas da Síria (Sanz, *ibid*, 2017).

Das palavras de ordem gritadas pelas ruas sírias em 2011, a única que se materializou foi a liberdade, propiciada pelas redes sociais. Exaustos, os sírios hoje clamam por segurança, escola para seus filhos e hospitais para seus pais. Regressar não é uma opção para parte dos refugiados internos e externos, convencidos de que a repressão os esperaria<sup>12</sup>.

#### 4 CONCLUSÃO

Este artigo visou de apresentar as mudanças que ocorreram no Oriente Médio e no norte da África e também explicar como a internet e a democracia digital influenciaram para a conhecida Primavera Árabe. Sabendo disto, conclui-se que a ferramenta digital, além de ser nova é um espaço para descobertas. É ela, uma grande porta para alavancar e promover mudanças dentro das sociedades, mas não é a principal ferramenta para este objetivo. A internet pode criar novas soluções e meios para a aproximação da sociedade em busca de novas propostas, melhorias e através da insatisfação popular, como também ser uma ferramenta ditatorial para reprimir e erradicar as vozes que buscam mudanças.

A *e-democracy* é uma excelente ferramenta para ajudar no exercício da democracia na atualidade. Não obstante é preciso ser sempre cauteloso, pois este mecanismo pode também não ser um meio para democratizar. O exemplo disto são os casos de Síria e Egito onde a ideia inicial era mudar os governos e ir à busca de um novo começo para a política desses países, porém os planos foram modificados e hoje estes países são piores que o seu estado anterior ao início do movimento Primavera Árabe.

---

<sup>12</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\\_043457.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html)

Visto isto, a conclusão assistida mostra que a internet serve sim para auxiliar a mudança e a organização de ideias populares que buscam por seus direitos. Contudo, confiar cegamente que esta ferramenta será um fator de mudança social positiva, acaba limitando-se ao erro porque os avanços e retrocessos podem obstinar-se nos direitos já conquistados.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Thassio. **Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe.** Ano: 2012. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/18943/redes-sociais-foram-o-combustivel-para-as-revolucoes-no-mundo-arabe>. Acesso: 26 de agosto de 2019.

### **Globalização enfraquece soberania nacional e leva a debate sobre regulação da internet.**

Ano 5 – Nº 21. Ano 2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/espionagem-cibernetica/contexto-a-guerra-nao-declarada/globalizacao-enfraquece-soberania-nacional-e-leva-a-debate-sobre-regulacao-da-internet>. Acesso: 12 de setembro de 2019.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 27. Porto Alegre. Ano: 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550183008.pdf>. Acesso: 11 de setembro de 2019.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 27. Porto Alegre. Ano: 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550183008.pdf>. Acesso: 11 de setembro de 2019.

MAIA, Rousiley C. M. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação.** Ano: 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Rousiley\\_Maia/publication/317053742\\_Democracia\\_e\\_a\\_internet\\_como\\_esfera\\_publica\\_virtual\\_aproximando\\_as\\_condicoes\\_do\\_discurso\\_e\\_da\\_deliberacao\\_Resumo/links/59232ebda6fdcc4443f7d7b6/Democracia-e-a-internet-como-esfera-publica-virtual-aproximando-as-condicoes-do-discurso-e-da-deliberacao-Resumo.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Rousiley_Maia/publication/317053742_Democracia_e_a_internet_como_esfera_publica_virtual_aproximando_as_condicoes_do_discurso_e_da_deliberacao_Resumo/links/59232ebda6fdcc4443f7d7b6/Democracia-e-a-internet-como-esfera-publica-virtual-aproximando-as-condicoes-do-discurso-e-da-deliberacao-Resumo.pdf). Acesso: 11 de setembro de 2019.

### **MARTINS, Pena. Ciberativismo - ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo.**

**Disponível em:** <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm>. Acesso: 12 de setembro de 2019.

OLIVEIRA, Leticia de. **“Revolução Facebook”**: em que medida as redes sócias na internet

interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe?. UNB. Brasília. Ano: 2012.

Disponível em:

[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3804/1/2012\\_LeticiaOliveira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3804/1/2012_LeticiaOliveira.pdf).

Acesso: 12 de setembro de 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"Primavera Árabe"**; *Brasil Escola*. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>. Acesso: 12 de setembro de

2019.

RAMOS, Luiz Felipe Gondin. **Origens da Primavera Árabe**: Uma proposta de classificação

analítica. UNB. Brasília. Ano: 2015, p. 14-15.

REIS, Lucas; BARROS, Samuel. **INTERNET E REVOLUÇÃO NO EGITO: O USO DE SITES DE REDES SOCIAIS DURANTE A CONVULSÃO SOCIAL QUE DERRUBOU O GOVERNO DITATORIAL EGÍPCIO**

EM 2011. Ano: 2011. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Samuel\\_Barros2/publication/266737930\\_Internet\\_e\\_R](https://www.researchgate.net/profile/Samuel_Barros2/publication/266737930_Internet_e_R)

[evolucao\\_no\\_Egito\\_O\\_Uso\\_de\\_Sites\\_de\\_Redes\\_Sociais\\_Durante\\_a\\_Convulsao\\_Social\\_que\\_De](https://www.researchgate.net/profile/Samuel_Barros2/publication/266737930_Internet_e_R/evolucao_no_Egito_O_Uso_de_Sites_de_Redes_Sociais_Durante_a_Convulsao_Social_que_De)

[rrubou\\_o\\_Governo\\_Ditatorial\\_Egipcio\\_em\\_2011/links/543a36760cf2d6698be173e0/Internet-e-Revolucao-no-Egito-O-Uso-de-Sites-de-Redes-Sociais-Durante-a-Convulsao-Social-que-Derrubou-o-Governo-Ditatorial-Egipcio-em-2011.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Samuel_Barros2/publication/266737930_Internet_e_R/rrubou_o_Governo_Ditatorial_Egipcio_em_2011/links/543a36760cf2d6698be173e0/Internet-e-Revolucao-no-Egito-O-Uso-de-Sites-de-Redes-Sociais-Durante-a-Convulsao-Social-que-Derrubou-o-Governo-Ditatorial-Egipcio-em-2011.pdf). Acesso: 12 de setembro de 2019.

SANZ, Juan Carlos. **Sete anos de frustração desde a eclosão da Primavera Árabe**. EL PAÍS.

Ano: 2017 Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\\_043457.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html).

Acesso:

12 de setembro de 2019.

TUFTE, Thomas. **O renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’**. Intercom – RBCC. São Paulo. Ano: 2013.

Disponível

em:

<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1783/1643>.

Acesso: 26 de agosto de 2019.

VIEIRA, Vivian Patricia Peron. **O PAPEL DA COMUNICAÇÃO DIGITAL NA PRIMAVERA ÁRABE: APROPRIAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL. COMPOLÍTICA.** ~ Curitiba. Ano 2013. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT05-Comunicacao-e-sociedade-civil-VivianPatriciaPeronVieira.pdf>. Acesso: 12 de setembro de 2019.